

Moeda estável antes do que se espera

por Claudia Safatle
de Nova York

"O Banco Central vai exercer sua função de estabilizar a moeda. Mais cedo ou mais tarde, e será mais cedo que mais tarde, o País vai viver com uma moeda estável, com propriedades de reserva de valor, unidade de conta e meios de pagamento", assegurou o presidente do Banco Central (BC), Pedro Malan, em palestra durante seminário realizado pela Gazeta Mercantil e pelo Banco do Brasil, no Marriott Marquis Hotel, de Nova York.

Malan considerou "altamente positiva" a decisão do Congresso Nacional de começar no próximo dia 6 os trabalhos da revisão constitucional. A equipe econômica, que ele fez questão de assinalar que trabalha bastante coesa e com objetivos comuns, concentra-se, agora, no trabalho de conclusão das medidas que precisarão ser tomadas no âmbito da revisão constitucional, providências que começarão a ser encaminhadas ao Congresso Nacional para enfrentar "a vexaminosa inflação brasileira".

"Nós não acreditamos em mágicas. Não acreditamos em fogos de artifício nem em soluções que, aplicadas no curto prazo, baixem por alguns meses a inflação, porque ela volta como uma grande vingança nos meses seguintes." Assim, garantiu o presidente do BC, a solução começa por colocar ordem na "confusão reinante" nas contas do setor público. "Sem isso não teremos uma economia digna de crédito e uma moeda viável."

Os relatórios do Banco Mundial (BIRD) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), do ano passado, mostram que somente 35 países apresentavam, naquele exer-

cício, uma taxa de inflação anual superior a 100%. Desses, apenas quatro eram apontados como países com taxa de inflação superior a 1.000% — Rússia, Ucrânia, Zaire e Brasil. "Isso é uma humilhação para o povo brasileiro", alertou Malan. "Trata-se de um verdadeiro furto ao povo, aos que não têm moeda indexada", constatou.

O presidente do BC falou, também, sobre o comportamento das taxas de juro e do mercado de câmbio, nos últimos dias. "Na última semana houve uma expressiva redução no 'spread' da taxa de câmbio comercial e da taxa do mercado paralelo. Hoje esse diferencial está próximo de zero. Talvez isso tenha ocorrido por uma má interpretação de declarações sobre uma imediata unificação de taxas e dos mercados de câmbio." Segundo Malan, o que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, teria tentado dizer, quando fez uma declaração sobre a iminência da unificação cambial, "tenha sido que nós trabalhamos nessa direção, mas esta é uma medida que depende de outros progressos na estabilização da economia. Vamos fazer isso, sim, mas não hoje ou amanhã".

A subida da taxa de juro foi, segundo ele, uma clara indicação do BC ao mercado de que "trabalha e sempre trabalhará com juros reais". Ou, como ele disse: "É preciso considerar que os bancos centrais, em todo o mundo, têm que reagir às percepções do mercado, que fez uma interpretação equivocada da unificação do câmbio", insistiu.

"O caminho rumo à estabilização não será fácil, pelo contrário, mas vamos conseguir organizar a nossa desordem de forma democrática. O País não está condenado ao fracasso", concluiu.